

LÍNGUA CULTURAL GUINEENSE E A COMUNICAÇÃO DE FRONTEIRA NA ZONA LESTE COM REPÚBLICA DE SENEGAL

Sambite Santos CABI¹

RESUMO: O artigo tem a finalidade de abordar a questão da língua cultural guineense e a comunicação de fronteira, evidenciando os confrontos culturais e os espaços fronteiriços a partir das línguas étnicas (tribos). O trabalho apresenta um embasamento que permite uma apreciação teórica a partir de uma análise baseada na pesquisa bibliográfica. Pretende-se entender as dificuldades e a importância da comunicação cultural na linha fronteiriça na zona leste da Guiné-Bissau com a República de Senegal, partindo da ideia da língua cultural de comunicação da fronteira. Em seguida, procuram-se revelar as diferenças entre a língua cultural guineense na fronteira.

Palavras-chave: Cultura; Comunicação; Fronteira.

Introdução

Atualmente, pode-se afirmar que a língua cultural na linha de fronteira da Guiné-Bissau tem um papel importante em nível de sua manifestação entre grupos étnicos, uma vez que a relação social diz respeito às relações concretas entre grupos étnicos na linha da fronteira Leste da Guiné-Bissau com República de Senegal. Buscamos analisar as relações de línguas étnicas na linha de fronteira. O presente artigo tem o objetivo de avaliar a língua cultural na fronteira, suas características, formas e a sua importância em termos de comunicação na fronteira leste da Guiné-Bissau com Senegal.

Nesta perspectiva, o foco deste artigo é fazer uma discussão teórica a partir dos próprios residentes e seu processo na fronteira leste entre os dois países, haja vista que “a cultura é um processo contínuo em que se acumulam conhecimentos e também práticas que resultam da interação social entre indivíduos” (COELHO; MESQUITA, 2013, p. 27). As culturas guineenses correspondem à unidade nacional e fazem parte da construção da identidade guineense, sendo que a sua influência teve grande impulso na luta pela libertação da Guiné-Bissau. A razão para a abordagem desse trabalho parte da ideia de procurar pesquisar e analisar as vantagens e a importância de língua cultural na perspectiva da fronteira em causa. A composição do presente trabalho está compilada em único subcapítulo que será desenvolvido a seguir.

Debate teórico e a concepção sobre a influência da língua cultural e segurança da comunicação na Fronteira Leste Guiné-Bissau e Senegal

Segundo a definição de língua cultural, “língua, cultura e identidade são conceitos intrinsecamente ligados, uma vez que é por meio da língua que a cultura se constitui e é difundida e é também por meio dela que ocorrem os processos de identificação” (COELHO; MESQUITA, 2013, p. 25). Foi a complexidade da língua cultural que “permitiu ao ser humano interagir verbalmente com o outro, exteriorizando seus pensamentos, expressando-se, comunicando-se, por meio da fala, da escrita e de outras formas de linguagem” (COELHO; MESQUITA, 2013, p. 25).

¹ Bacharel em Humanidades, licenciado em Sociologia, especializado em Gestão Pública, membro do Conselho Universitário (CONSUNI-2017-2018, Membro da primeira direção da Diretoria Central dos Estudantes (DCE-UNILAB) e Mestrando no Programa de Pós-graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE. E-mail: sasacaguine@hotmail.com

Chauí (2006) declara que a afinidade entre língua, identidade e cultura é imanente, uma vez que não há cultura sem língua e que a identidade é estabelecida por meio da língua e da cultura. Portanto, em busca de espaços de relações entre as culturas, as fronteiras passam a ser espaços de contato cultural, étnico, tradicional, linguístico e social. Deste modo, “além de extrapolar os conceitos e limitações físicas e geográficas que visam a apenas demarcar territórios, mostra também que a fronteira é um lugar de contato cultural, étnico e linguístico, gerando a impressão de que se trata de um espaço harmônico de interações sociais” (TRISTONI, 2015, p. 5).

Segundo Tristoni (2015), “nem sempre a fronteira é reconhecida por ser um lugar de diversidade cultural, um cenário de fenômenos migratórios, onde prevalece a ideia de harmonia, de união, de interações, de junção de povos, de culturas, de identidades” (TRISTONI, 2015, p.5).

Nas zonas de fronteira, nas quais o contato humano é mais intenso e a mobilidade das populações contribui para intensificar o cruzamento das línguas praticadas, a extensão e o uso das línguas estão constituídos por uma dinâmica muito particular, determinando inclusive uma política de línguas que se organiza, neste caso, a partir de um lugar que lhe atribui o falante (STURZA, 2006, p. 35).

Nesta perspectiva do contato humano, no caso da Guiné-Bissau, a mobilidade étnica na zona leste, que faz fronteira com o país vizinho Senegal, a língua e a cultura são muito dominantes por causa do próprio contexto na região fronteiriça. Hoje em dia, nessa zona a língua cultural é a língua mais predominante entre a população. Assim, entendemos que “a fronteira é um lugar onde povos se cruzam, culturas misturam-se e, com o passar do tempo, esta frequência vai tomando forma e transformando-se em uma cultura singular e única” (FRIZZO, 2013, p. 6).

É importante ressaltar que no contexto africano e, de maneira específica na realidade guineense (Guiné-Bissau), a principal resistência no século passado dos grupos étnicos teve a ver com a sua não aceitação dos colonizadores portugueses, que insistiam que o povo Bissau-guineense deveria abandonar as suas línguas e cultura e adotar a dos portugueses. Na época, a questão da língua cultural e não ocupação do território guineense passou a criar uma grande barreira entre o povo nativo e invasores portugueses, provocando conflitos.

Portanto, com esta situação acima referida, podemos dizer que a língua cultural e comunicação de fronteira é espaço de compartilhamento entre diferentes culturas. Por isso, “a fronteira é o lugar próprio das trocas, das interações, das mobilidades culturais. Vincula-se à ideia de limite, mas ao mesmo tempo agrega as diferenças que separa, ou intenta separar” (SOUZA, 2014, p. 478).

Fronteiras culturais e desenvolvimentos regionais são conceitos que reclamam um permanente esforço de aprofundamento e atualização, uma vez que os seus sentidos estão intimamente relacionados com as dinâmicas socioculturais possíveis de serem observadas a partir dos territórios organizados pelos diferentes grupos sociais (SCHALLENBERGER, 2010, p.7).

Nesse contexto, a língua passa a ser fundamental entre esses grupos sociais, como forma de facilitar a comunicação entre grupos, assim, a “cultura perpassa a vida e funciona como uma mediação de todo o processo de evolução das sociedades” (RADDATZ, 2017, p. 8). Contemporaneamente, na fronteira da Guiné-Bissau com a República de Senegal, a língua cultural evoluiu muito tendo em vista as próprias relações

entre diferentes grupos étnicos que estão nessa zona fronteiriça do leste da Guiné-Bissau, facilitando um grande encontro das culturas na fronteira.

Nesse caso, podemos entender a linguagem como algo que da própria consciência, por isso “a partir das ações, da linguagem, dos dizeres e dos fazeres, do comportamento, dos hábitos e atitudes, da formulação de conceitos e valores, pode-se identificar um grupo, uma comunidade” (MULLER; OLIVEIRA, 2005, p. 5).

Nessa formulação, Marx (1985), nos traz a sua teoria marxista para compreender a linguagem e, é diretamente um princípio simbólico e a alicerce significativa das tradições que constituem os fundamentos da língua cultural.

Desse modo, na fronteira leste da Guiné-Bissau com o Senegal, as relações sociais das comunidades que habitam nessa linha fronteiriça fazem parte da própria cultura dessa zona leste da Guiné. Assim sendo, em todo esse debate a língua sempre terá a sua vantagem porque “(...) na sociedade para a comunicação dos seus membros, a língua depende de toda a cultura, pois tem de expressá-la a cada momento; é um resultado de uma cultura global” (CAMARA JR, 2004, p. 53).

Para Capucho (2009, p.5), “as culturas nacionais correspondem a unidades que cobrem o espaço geográfico dos estados, definidos politicamente, e que os suportam do ponto de vista identitário”. Nesse sentido, “tal como as culturas nacionais, as culturas regionais correspondem a espaços geograficamente delimitados” (CAPUCHO, 2009, p. 5). Ao pensarmos nessas duas questões, podemos afirmar que:

A perspectiva de olhar a fronteira através das línguas permite-nos compreender a história. A fronteira, portanto, é onde línguas diferentes se relacionam, misturam-se. A linha imaginária se move entre os territórios a partir da dinâmica que as pessoas dão à vida na fronteira; o contato entre as pessoas se intensifica, colocando-as num constante “entre línguas”. A fronteira afirma-se assim como lugar de construção identitária, relacionada às características sociais decorrentes de um modo de habitar a fronteira. Logo, o Pampa se constitui em um lugar de encontro de línguas, costumes, tradições e paisagens (STURZA; TATSH, 2006, p. 88).

Ainda Sturza e Tatht (2006) declaram que a fronteira se configura como um ambiente social, real e, ainda, um ambiente que tem significado simbólico. Voltando ao caso africano guineense, a fronteira física não é vista como um impedimento das relações entre as línguas culturais entre diferentes grupos étnicos, porque nestas relações sociais as pessoas se casam sem a escolha de raça, etnia, religião ou país, apesar de que, às vezes, essa prática pode ser vista. Por isso, é importante pensarmos a fronteira não apenas como espaço físico ou geográfico.

Essa mesma linha da diversidade cultural possibilita a Guiné-Bissau uma grande herança cultural linguística, baseada na sua diversidade étnica. Também é bom ressaltar que nessas diversidades linguísticas culturais podemos encontrar várias línguas nativas de cada grupo étnico, sendo que crioulo é a língua comum que é falada em toda parte do território guineense. No caso do crioulo na capital Bissau (Guiné-Bissau), a maioria das pessoas fala o crioulo e aprende o português na escola, ao mesmo tempo em que fala a língua materna do seu grupo étnico.

Na zona fronteiriça do leste da Guiné-Bissau, o crioulo é pouco falado por causa da grande dominação dos grupos étnicos, que em sua maioria fala mais as línguas étnicas. Nessa linha de fronteira, são notáveis as grandes variáveis da língua materna (língua falada pelas etnias) e a língua nacional (crioulo, que é a língua comum da Guiné-Bissau). Na perspectiva Bourdieu (2008), aponta que “a questão ingênua do poder das palavras esta logicamente implicada na supressão inicial da questão dos usos da linguagem e, por

consequente, das condições sociais de utilização das palavras” (BOURDIEU, 2008, p. 85).

Então, podemos afirmar que há uma perda total do crioulo na convivência social dos povos na linha de fronteira, enquanto a língua portuguesa quase não existe, pois, muitas vezes, as crianças e os jovens só podem ter acesso à língua portuguesa nas escolas públicas desta zona de fronteira. Contudo, mesmo com algumas dificuldades de perceber o desenrolar de algumas vertentes contemporâneas, “existem, nas mais diversas fontes, fortes indícios de que sociedades africanas tinham uma clara noção de territorialidade, inclusive de fronteiras” (DÖPCKE, 1999, p. 79).

Nesse contexto, “melhor documentadas são as fronteiras dos reinos e dos impérios pré-coloniais do século XIX. O Califado de Sokoto, por exemplo, demarcou o seu território e construiu cidades muradas nas suas fronteiras” (DÖPCKE, 1999, p. 79). No caso guineense, a história dos grupos étnicos também tem a mesma semelhança histórica, contudo não existem documentos da época que poderiam comprovar, porque são poucas as pesquisas sobre a língua cultural e a comunicação nas fronteiras guineenses, por causa da política colonial na época. Para não dizer que não exista,

Embora fronteiras linguísticas e fronteiras políticas raramente sejam coincidentes, elas comumente resultam em processos diversos e complexos de mesclagem ou de divergência social, cultural e linguística, cujas dinâmicas se repetem em diferentes comunidades (DAY, 2013, p.164).

Além disso, “fronteiras físicas e culturais específicas são criações humanas e não obras da natureza. Ter fronteiras talvez seja natural, mas a feição peculiar de cada fronteira é questão de cultura, criação humana, particular, mutável” (BENTO, 2017, p. 3).

Durante todo o período da história dos povos nas zonas fronteiriças da zona leste da Guiné-Bissau com o Senegal, o povo residente na linha da fronteira nunca deixou de lado as suas próprias civilizações históricas herdadas pelos antepassados, apesar das influências da outra zona de fronteira. Por conseguinte,

Civilizar não pode ser compreendido como o processo de tornar melhor, melhorar. Antes, deve ser compreendido como movimento modelador de uma dada formatação de condutas, ajustada no que definimos hodiernamente por relações moderno-contemporâneas (GOETTERT; SOUZA; ABREU, 2011, p. 15).

Com a passagem da colonização, atualmente, algumas questões sobre as fronteiras têm causado vários problemas de conflitos no continente africano. Apesar disso, entre Guiné-Bissau e Senegal nunca houve conflitos de território. Dessa maneira,

Com a colonização e, posteriormente, com a descolonização, um dos grandes problemas vividos pelos africanos foi o da formação dos países independentes. Antes da colonização, não existiam países ou Estados-Nações na África, mas sim povos diversificados, cada um vivendo num território sem fronteiras definidas ou migrando de uma terra para outra, de acordo com as necessidades de caça, de novos solos, etc. Eram sociedades tribais com idiomas e costumes muito diferentes uns dos outros, mas nenhuma delas constituía um país, um Estado-nação, o que supõe um povo unificado pela língua, ocupando um território definido por fronteiras e sob a organização de um Estado, com governo, forças armadas, polícia, tribunais, sistema de impostos, etc (MUNDO GEOGRAFIA, 2017, p. 1).

Hoje, como já referido, os principais problemas de conflitos na África não estão ligados a questões da língua cultural, mas, sim, à má conduta dos invasores europeus na ocupação do continente africano e, posteriormente, na divisão da África na Conferência de Berlim de 1884-1885. Por isso,

As discussões sobre as fronteiras africanas, de um modo geral, se assentam frequentemente nas afirmações de que as fronteiras são artificiais e arbitrárias, foram desenhadas “a régua e esquadro” pelos europeus, dividiram grupos étnicos entre dois ou mais Estados, e por isso representam uma constante fonte de conflito (PATRICIO, 2014, p. 81).

Assim sendo, mesmo com todos os problemas nas zonas fronteiriças em alguns países africanos, não há problemas relacionados às línguas étnicas culturais entre as tribos, haja vista que nas zonas das fronteiras os conflitos não estão relacionados às línguas étnicas, mas, sim, à ocupação dos territórios entre Estados ou grupos étnicos.

Na Guiné-Bissau, no outro lado do território, na fronteira norte da Guiné-Bissau ocorreram alguns focos de conflitos com rebeldes de Cassamance², além de conflitos com militares guineenses por causa da violação de território, roubo de gados de populações da zona fronteiriça, gerando medo entre a população da linha de fronteira.

De modo geral, as línguas culturais guineenses tiveram um importante papel não só na influência da língua na linha das fronteiras, mas também na luta das resistências do povo nativo e luta da libertação nacional do país contra a invasão dos colonizadores portugueses. Nesse sentido, historicamente, linguagem e cultura sempre estiveram presentes em toda história da Guiné-Bissau.

Considerações Finais

Durante o desenvolvimento do presente artigo, percebemos que são poucos os debates sobre linguagem cultural na linha de fronteira no ponto de vista contemporâneo na África, principalmente na da Guiné-Bissau. Depois da discussão teórica sobre língua cultural e comunicação de fronteira entre Guiné-Bissau com Senegal na zona Leste, podemos afirmar que papel da língua étnica (tribos) apesar da importância não teve grande influência na fronteira. Confiamos que isso deve se ao fato que autoridades de Estado (governo), provavelmente não levam em conta a importância da língua cultural na construção da identidade.

Através dessas observações teóricas, a mistura linguística pode ter acontecido na fronteira levando em conta a própria história dos povos africanos, visto que na Guiné-Bissau a língua cultural sempre esteve em todos momentos da história do país. Também é bom assegurar que a língua cultural é o principal símbolo histórico dos povos nativos na África. Com este artigo, acreditamos que podemos incentivar os acadêmicos a debater a respeito da importância da língua cultural na fronteira, não só na Guiné-Bissau, mas também na África em geral. Desta maneira, a língua e a cultura são parte do processo de constituição da identidade a partir de olhar das fronteiras.

Referências

² São Movimentos das Forças Democráticas de Cassamansa (MDFC). Trata-se de um grupo rebelde que está situado no território senegalesa luta contra o Estado Senegalês sobre a questão da independência da região Sul de Cassamansa.

- BENTO, Fábio Régio. **Fronteiras, significado e valor** – A partir do estudo da experiência das cidades-gêmeas de Rivera e Santana do Livramento. 2017. Disponível em: <https://cienciapolitica.org.br/system/files/documentos/eventos-/2017/02/fronteiras-significado-e-valor-310.pdf>. Acesso em: 30/07/2019.
- CAMARA JR, Mattoso. **Língua e cultura**. 2004. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/viewFile/20046/13227>. Acesso em: 27/07/2019.
- CAPUCHO, Maria Filomena. Sobre línguas e culturas. *Revista Veredas*, v. 12, 2009. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo094.pdf>. Acesso em: 27/07/2019.
- CHAUI, M. A linguagem. In: _____. **Convite à filosofia**. 13 ed. São Paulo: Ática, 2006. p. 136-151.
- COELHO, Lidiane Pereira, MESQUITA, Diana Pereira Coelho de. Língua, cultura e identidade: conceitos intrínsecos e interdependentes. **Entreletras**, Araguaína/TO, v. 4, n. 1, p. 24-34, jan./jul. 2013 (ISSN 2179-3948 – online). Disponível em: <file:///C:/Users/Bruno%20Jo%C3%A3o%20C%C3%A1/Downloads/975-Texto%20do%20artigo-3526-1-10-20140916.pdf>. Acesso em: 27/07/2019.
- DAY, Kelly Cristina Nascimento. Fronteiras linguísticas e fronteiras políticas: relações linguísticas e sociohistóricas na fronteira do Brasil com a Guiana Francesa. **Cadernos de Letras da UFF**, n. 47, p. 163-182, 2013. Disponível em: <http://www.cadernosdeletras.uff.br/joomla/images/stories/edicoes/47/artigo8.pdf>. Acesso em: 30/07/2019.
- DÖPCKE, Wolfgang. A vida longa das linhas retas: cinco mitos sobre as fronteiras na África Negra. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 42, n. 1, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbpi/v42n1/v42n1a04>. Acesso em: 30/07/2019.
- FRIZZO, Gabriela Neves. Fronteira: limite geográfico que separa culturas que se unem. In: ENCONTRO SEMINTUR JR, 4., Caxias do Sul, 2013. **Anais [...]**. Caxias do Sul: UCS, 2013. Disponível em: https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/-fronteira_limite.pdf. Acesso em: 27/07/2019.
- GOETTERT, Jones Dari; SOUZA, Adáuto de Oliveira; ABREU Silvana de. **O processo civilizador e as fronteiras: fronteiras para civilizar ou civilizar as fronteiras?** 2011. Disponível em: http://www.uel.br/grupoestudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais14/arquivos/textos/Mesa_Coordenada/Trabalhos_Completos/Jones_Goettert_e_Adauto_e_Silvana.pdf. Acesso em: 30/07/2019.
- MULLER, Karla Maria; OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de. Comunicação, cultura (s) e identidade(s) fronteiriças. In: INECULT, 1., Salvador, 2005. **Anais [...]**. Salvador, 2005. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecul2005/KarlaMariaMullereTitoCarlosMachadodeOliveira.pdf>. Acesso em: 27/07/2019.
- MUNDO GEOGRAFIA. 2017. Disponível em: <https://www.mundoedu.com.br/uploads/pdf/54529415e9bf8.pdf>. Acesso em: 30/07/2019.
- PATRICIO, Marta. A Fronteira Moçambique-Zimbabué e os ndau: Práticas e representações transfronteiriças no distrito moçambicano de Mossurize (de 1975 à actualidade). **Cadernos de Estudos Africanos**, v. 27, 2014. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cea/1480#text>. Acesso em: 30/07/2019.
- RADDATZ, Vera Lucia Spacil. **Identidade cultural e comunicação de fronteira**. 2017. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/92916302868364899-553507602469803936940.pdf>. Acesso em: 27/07/2019.
- SCHALLENBERGER, Erneldo. **Fronteiras Culturais e Desenvolvimento Regional: Novas Visibilidades**. Porto Alegre: Evangraf, 2010.

SOUZA, M. J. de. Fronteiras simbólicas – espaço de hibridismo cultural, uma leitura de dois irmãos, de Milton Hatoum. **Revista Eletrônica**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 475-489, 2014.

STURZA, Eliana Rosa. **Línguas de fronteira e política de línguas**: uma história das idéias lingüísticas. 2006. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, 2006. Disponível em: [http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270606/1-Sturza_ElianaRosa_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270606/1/Sturza_ElianaRosa_D.pdf). Acesso em: 27/07/2019.

STURZA, Eliana Rosa; TATSH, Juliane . A fronteira e as línguas em contato: uma perspectiva de abordagem. **Cadernos de Letras da UFF**. Dossiê: Línguas e culturas em contato, n. 53, p. 83-98, 2006. Disponível em: <http://www.cadernosdeletras.uff.br/index.php/cadernosdeletras/article/view/290>. Acesso em: 27/07/2019.

TRISTONI, Rejane Hauch Pinto. Fronteira- (des)encontro de línguas e culturas. **Revista Travessias**, v. 9, n. 3, 2015. Disponível em: <http://erevista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/13009>. Acesso em: 27/06/2019.

Submetido em: 07 de setembro de 2020

Aprovado em: 02 de dezembro de 2020